

Palavramundo

Jéssica do Nascimento Rodrigues

“Não é puro idealismo, acrescente-se, não esperar que o mundo mude radicalmente para que se vá mudando a linguagem. Mudar a linguagem faz parte do processo de mudar o mundo. A relação linguagem-pensamento-mundo é uma relação dialética, processual, contraditória.”

(FREIRE, 2011b, p. 94)

O convite que me fora feito para elaborar o verbete *palavramundo*, neologismo de Paulo Freire, é chamamento político e desafiador para um ato responsável e ético com os outros e com o mundo. Acredito que não há diálogo com ele se não for desse lugar.

Com o educador e com tantas outras vozes sociais, construo aqui, no texto que me transcorre, um verbete em processo, assim como toda palavra, cujos sentidos, ideológicos, estão em disputa *ad aeternum*. Digo isso porque, em termos freirianos, a linguagem e a realidade são inextricáveis, e esta é uma assertiva fundamental para que se faça uma leitura coerente sobre a palavra que é mundo concreto. Paulo Freire, consciente disso, não sistematizou conceitos em uma única obra, embora este fosse o desejo de muitos acadêmicos e editores. Sua produção é retrato narrado de seu processo de elaboração, de criação e recriação, em engajamento, que neste ponto se encontra com

o meu desejo-tarefa de apresentar uma leitura possível do termo em questão, sem dar-lhe um fechamento.

Nesse cotejo de enunciados, cito algumas obras.

Em *À sombra desta mangueira*, Paulo Freire nos conta sobre suas primeiras leituras, as da infância, as do Recife, as da memória de menino: “O primeiro mundo meu, na verdade, foi o quintal da casa onde nasci, com suas mangueiras, seus cajueiros de fronde quase ajoelhando-se no chão sombreado, com suas jaqueiras, com suas barrigudeiras” (FREIRE, 2012, p. 40). Essa mesma retomada é feita no livro *A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam*, no qual Paulo Freire (2011a) recria e revive, no ato-processo de escrever como enunciação, a experiência que vivera quando ainda não era alfabetizado. Encarnadas, segundo ele, no canto dos pássaros e no assobio dos ventos, as palavras do referido contexto eram lidas, eram leituras de mundo, constatação que já nos orienta para um entendimento possível de sua *palavramundo*.

N' *A educação como prática da liberdade*, Paulo Freire (2005a) nos leva a pensar sobre a relação entre a palavra escrita e lida e sua historicidade, lembrando o pensamento bakhtiniano segundo o qual o signo é físico-material e sócio-histórico. Ele não só exemplifica como principalmente realiza uma perspectiva de alfabetização que une a concretude da vida, sempre em termos contextuais, ao ato responsável – porque ético e político – de ler e escrever. Logo, ler-escrever a palavra e, nesse ato, não ler-escrever o mundo é um contrassenso, é ato mecânico, ancorado na ideia de palavra inautêntica, palavreria, verbosidade, verbalismo, bláblá-blá, que está para a educação bancária assim como a *palavramundo* está para a educação problematizadora, que se abre para as leituras de mundo a fim de que possamos pronunciar a nossa humanização.

Ainda n' *A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam*, o conceito de *palavramundo* ganha algumas páginas. Lendo e relendo a sua infância no processo de escrever, explica que palavra + mundo, em justaposição, é movimento dinâmico do mundo à palavra e da palavra ao mundo. Dito de outro modo, a leitura de mundo não é puramente precedente da leitura da palavra, como pode aparentar, mas sim um prolongamento, a continuidade da leitura daquele. Existimos no mundo, afinal. Por essa razão, produzimos *palavraSmundo*.

Atinente ao processo de leitura, está também a escrita, de que depende a nossa condição de seres históricos que somos, conforme sinalizou Paulo Freire (2019) em

Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis. Nesse livro, em especial, há uma série de referências ao processo indicotomizável de leitura-escrita, e isso explica o hífen utilizado em alguns dos textos que publiquei: ler-escrever. Para o educador, sendo política a natureza dessa prática/ato, não pode deixar de exigir compromisso ético. Nesse sentido, entendo que Paulo Freire lê a linguagem como prática social e, claro, como *práxis*, visto que defende e sustenta a coerência entre o modo como lê o mundo e como nele age para transformar, dialógica e dialeticamente. Consoante o autor, “Não há palavra verdadeira que não seja práxis. Daí que dizer a palavra verdadeira seja transformar o mundo” (FREIRE, 2005b, p. 89). A *palavramundo*, portanto, como linguagem + pensamento + realidade, torna-se *palavração*, palavra-processo situado, polissêmico e intencional.

No conceito de *palavramundo*, que tento esboçar, reler, reescrever, recriar, acabo por encontrar a dialogia, embora eu não diga que o dialogismo bakhtiniano e a dialogicidade freiriana sejam a mesma coisa. Não, não são, mas se aproximam. A dialogia é esse processo de co-construção histórica do mundo pela palavra, que é ponte, que é relação entre sujeitos, relação alteritária entre um eu, os outros e o mundo. Na corrente perpétua do discurso, lançamos nossa voz repleta de vozes sociais para adiante, dizemos a nossa palavra repleta de palavras dos outros, num processo vitalício. Nesse sentido, a palavra é *palavraponte*, numa dimensão sócio e ideológica do enunciado. Logo, o diálogo, nas duas perspectivas, não

RODRIGUES, J. do N.

é consenso; é um encontro entre sujeitos históricos no mundo, uns com os outros, para pronunciá-lo.

Na *Pedagogia do oprimido*, o educador dedica um capítulo à dialogicidade, para ele, âmago da educação como prática da liberdade, que ancora a perspectiva do *ser mais*, porque linguagem é luta e resistência e, lembrando Henry Giroux (1997), é possibilidade e é crítica. Produto-processo humano, trabalho humano, essa linguagem freiriana só existe no diálogo ininterrupto e inconclusivo arrolado na história, que não é determinismo.

O que nos parece indiscutível é que, se pretendemos a libertação dos homens, não podemos começar por aliená-los ou mantê-los alienados. A libertação autêntica, que é humanização em processo, não é uma coisa que se deposita nos homens. Não é uma palavra a mais, oca, mitificante. É práxis, que implica a ação e a reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo. (FREIRE, 2005b, p. 77)

Nesse possível encontro com a abordagem discursiva, que busco enfatizar, Paulo Freire cunha as *palavras grávidas de mundo, palavraSmundo*, certo de que o criamos e recriamos todo o tempo.

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 28 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005a.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 41 ed. Rio de Janeiro: Paz. Terra, 2005b.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se complementam. 51 ed. São Paulo: Cortez, 2011a.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 17 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011b.

FREIRE, P. **À sombra desta mangueira**. 10 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

FREIRE, P. **Cartas a Cristina**: reflexões sobre minha vida e minha práxis. 3 ed. São Paulo; Rio de Janeiro, 2019.

GIROUX, H. A. **Os professores como intelectuais**: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Tradução de Daniel Bueno. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

SOBRE A AUTORA:

Jéssica do Nascimento Rodrigues é professora adjunta da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (FEUFF), vinculada ao departamento Sociedade, Educação e Conhecimento (SSE), e também professora-pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem (PosLing) do Instituto de Letras. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Leitura e Escrita Acadêmica (GEPLEA/UFF) e coordenadora do programa de ensino e extensão Laboratório de Letramentos Acadêmicos (LabLA).